Informativo da Sociedade Brasileira de Malacologia

AGOSTO DE 2020 – ANO 51 - 212

Presidente / Editora do Informativo

Lenita de Freitas Tallarico

Vice-Presidente

Sonia Barbosa dos Santos

Primeiro Secretário / Editor do Informativo

Igor Christo Miyahira

Segunda Secretária / Editora do Informativo

Eliane Pintor de Arruda

Primeiro Tesoureiro

Fabrizio Marcondes Machado

Segundo Tesoureiro

Flávio Dias Passos

Entre em contato!

sbmalacologia@yahoo.com.br

@malacologiabrasil

Sociedade Brasileira de Malacologia

ISSN 0102-8189

Prezados sócios,

Nesta gestão estamos reformulando alguns dos nossos canais de comunicação com os associados, bem como da difusão científica malacológica brasileira. Agradeço o empenho de todos os membros da diretoria que estão contribuindo muito nesse desenvolvimento. É um prazer trazer a vocês nosso novo *design* dos Informativos da SBMa.

Aproveito para convidá-los a participar desta construção, trazendo informações, contribuições relevantes e significativas para serem publicadas em nossos meios de divulgação.

Uma sociedade se torna mais forte com a atuação e apoio de seus sócios, assim todos vocês são importantes neste contexto. Sintam-se à vontade para auxiliar-nos.

Boa leitura e um grande abraço malacológico!

Lenita de Freitas Tallarico

Presidente da Sociedade Brasileira de Malacologia
Biênio 2020-2021

ISSN 0102-8189

O Malacólogo na Pandemia

Malacólogos de diferentes partes do Brasil relatam suas experiências neste delicado momento que vivemos

O ano de 2020 tomou um rumo que ninguém esperava, frente ao surto de uma nova doença surgida na China no final de 2019, todo o mundo foi pego de surpresa. Obviamente, os malacólogos aqui no Brasil também tiveram suas vidas sacudidas por esse vírus. Contudo, o Brasil é uma país de múltiplas realidades, assim como as funções e inserções dos malacólogos. Desta forma, a pandemia do novo coronavírus afetou de forma diferente, os diferentes profissionais. Convidamos seis malacólogos brasileiros para relatarem suas experiências, positivas e negativas, durante a pandemia, que cabe bem salientar, ainda não terminou.

Sérgio Mendonça Almeida é professor e pesquisador na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, e colocou a atual situação como um grande desafio. No âmbito didático, ele destacou que o momento exige não só a busca da utilização das ferramentas digitais, mas o emprego de ferramentas ativas de aprendizagem. Segundo ele "É importante entender que o aluno é um estudante, e que o conhecimento que fica na cabeça dele é o que ele produz. O que eu falo em aula é irrelevante, se não for despertada a curiosidade do estudante". Para atingir esses objetivos, ele tem buscado complementar a sua formação assistindo vídeos, aulas e tutoriais sobre o assunto.

O fato de estarmos muito tempo em casa, de início nos passou a impressão de que teríamos tempo para resolver novas pendências. Porém, a situação tem se mostrado bem diferente. Sérgio nos relatou que a sobreposição de compromissos tem sido excessiva, chegando a participar de três reuniões simultaneamente! Além disso, a preparação das aulas *online* exige um tempo muito maior, às vezes 1 hora de aula *online* demanda 3 horas de preparação, segundo o professor da UNICAP. Este também nos disse ter 12 horas de aulas semanais e isso nos faz perceber como a carga de horário tem aumentado. A pesquisa também apresenta seus desafios. O isolamento social nos deixou afastado de coleções científicas e coletas, situação que o Sérgio conseguiu resolver, parcialmente, montando um laboratório em casa, e analisando parte de seu material lá. Este tem sido utilizado não só para sua pesquisa, mas também para as aulas práticas.

"Mas apesar de toda essa situação, estou feliz!", encerrou Sérgio, afirmando também que "podemos conversar para além da distância, podemos nos "presentificar", nos tornar presentes na vida uns dos outros de uma forma nova".

Próxima do Sérgio, mas em outro tipo de instituição, a professora e pesquisadora, Rafaela Maia Camargo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Acaraú (IFCE), afirmou que " minha experiência, durante a pandemia, mostrou que a ciência, a educação, a pesquisa científica e a conservação ambiental não param, mas se transformam". A mudança tem realmente sido uma tônica destes tempos, aprendendo novas formas de trabalhar, e se relacionar. Para não perder o vínculo com seus alunos, Rafaela tem feito reuniões por vídeo-chamada.

Figura 1. A – Sérgio Mendonça em sua casa-laboratório-estúdio. B – Grupo da Rafaela Maia realizando coletas em mangues do Nordeste. Fotos cedidas pelos entrevistados.

Assim como Sérgio, o trabalho de pesquisa da Rafaela também depende muito de coleta e bancada, e de início foi "substancialmente afetada pelo medo e insegurança" de não conseguir trabalhar em casa. Mas com o tempo percebeu que "a adaptação não é pontual, mas uma sequência de mudanças necessárias para se adequar a uma nova forma de sobreviver e crescer". E assim, conseguiu continuar seu trabalho, dedicando tempo as publicações e as atividades de divulgação do seu laboratório, assim como orientação de seus alunos. Mas depois de ter fechado seu laboratório no dia 16 de março, em meio a corredores vazios, hoje ela avalia que "mais de quatro meses depois, quanta coisa mudou em nossos trabalhos, no país, no mundo, nos nossos lares e principalmente em nós". E segundo ela, é importante termos força para "continuar tendo a certeza que com empatia, cuidando uns dos outros, podemos sobreviver, nos adaptar, crescer, evoluir e, quem sabe, mudar o mundo. Juntos!".

Terminando o nosso tour pelo Nordeste Brasileiro, colhemos a opinião da professora e pesquisadora Inês Xavier Martins, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), em Mossoró, Rio Grande do Norte, que nos disse ter se sentido

impotente frente aos desafios da pandemia. As ferramentas digitais, a qual não estava familiarizada, talvez tenham sido o maior desafio. Ela sente a "necessidade de estar presente com as pessoas, olhar olho no olho, ver a expressão". Assim, algumas vezes, as reuniões do seu grupo de pesquisa não têm sido muito produtivas. Apesar destes percalços, tem aprendido a lidar com as novas ferramentas de comunicação e ensino, e considera que esse aprendizado tem sido um ponto positivo deste momento.

Figura 2. A – Inês Xavier em uma das suas saídas de campo, sempre com muitos alunos. B – Momentos das coletas de Adriana Diniz. C – Thiago Rocha. Fotos cedidas pelos entrevistados.

Um outro ponto difícil da pandemia, segundo a professora, tem sido trabalhar em casa, para a qual não costumava levar trabalho. Inês nos relatou que "tem uma vida social bastante complicada, diferente de alguns professores, porque minha família, filho e esposo, ficam em um estado e eu trabalho em outro". Nos tempos "normais", a semana era dedicada ao trabalho, e os finais de semana, a família. Nestes tempos pandêmicos, tem se voltado mais a família, mas segundo ela, isso tem prejudicado um pouco os projetos de pesquisa. Para conseguir conduzir os projetos, além das mencionadas reuniões, os alunos têm realizado um rodízio para ir ao laboratório, e ela vai só para tirar dúvidas. Sempre respeitando as normas de segurança e isolamento social.

Além disso, Inês é também coordenadora do Curso de Engenharia de Pesca, e tem mantido a comunicação com os alunos através do *site* do curso, na qual sempre divulga eventos, cursos e *lives*, que estejam acontecendo no momento. Contudo, também nos disse que o trabalho de coordenadora tem ficado aquém do que esperava, devido à falta de estímulo para as diversas atividades.

A professora e pesquisadora Adriana de Freitas Diniz do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal (IFPA) falou um pouco da sua realidade no Norte do Brasil. Castanhal

é uma cidade que fica a aproximadamente 60 km de Belém, mas apesar de não ser distante apresenta uma realidade bem diferente da capital. Aliás, Adriana ressaltou que cada *campi* do IFPA apresenta uma realidade diferente. Desde o início da pandemia, o IFPA está funcionando apenas com as atividades administrativas. As atividades didáticas e de pesquisa estavam suspensas. Contudo, para agosto está previsto o retorno das turmas de forma escalonada, e dando prioridade aos que estão no final do curso. As aulas seriam mescladas em presencial e a distância. Porém, outro desafio pode ser o acesso à internet. Adriana nos disse que "uma das minhas melhores alunas, que também é minha estagiária, que está se descobrindo apaixonada pelos moluscos, é de uma vila de pescadores...se eu quiser falar com ela tenho que marcar um horário de manhã, quando ela está na cidade buscando mantimentos". E esta parece ser a realidade de muitos no norte do país. Adriana aponta que aproximadamente 70% dos alunos não têm acesso regular à internet.

Segundo Adriana, a pesquisa no IFPA de Castanhal sempre foi difícil, e nestes tempos pandêmicos, ficou estagnada. A única exceção foram os cursos de mestrado, na qual os alunos conseguiram progredir com suas pesquisas. Como outros aqui já relataram, para Adriana o presente momento também tem sido de aperfeiçoamento para os professores, que têm buscado novas habilidades para lidar com os novos desafios.

Da Universidade Federal de Goiás (UFG), o professor e pesquisador Thiago Lopes Rocha nos contou sobre uma atividade muito positiva que tem coordenado. Segundo ele "temos uma nova oportunidade de aprendizado e ressignificação dos processos de ensino e aprendizagem, bem como da divulgação científica". Desta forma, ele tem promovido desde maio, com a colaboração de diversos colegas, um ciclo de webnários sobre Biotecnologia Ambiental e Ecotoxicologia. Essa atividade tem sido um sucesso e contou com mais de 1400 inscritos de diversos estados do Brasil, além de interessados da Colômbia, Costa Rica, Espanha, México e Peru. Mesmo nessa iniciativa de sucesso, a tecnologia também foi um desafio, e demorou algum tempo para escolher a plataforma ideal, que suportasse o número de interessados, que tivesse qualidade de vídeo e áudio, além de outros fatores.

As demais atividades acadêmicas dele também continuaram de forma remota. Inclusive houve a reestruturação das disciplinas de graduação e pós-graduação para serem ofertadas remotamente. Thiago também observou um processo, que muitos de nós também constatamos - "Interessante que algumas das reuniões administrativas (as quais eram longas e muitas vezes não tinham o número adequado de participantes) tornaram-se mais dinâmicas e com maior participação". Ainda segundo o professor, a

distância não foi limitante para a realização de bancas de qualificação e defesa, e permitiu a participação de membros internos e externos à universidade. Finalizando, Thiago ressaltou que "Ao mesmo tempo que avançamos com as novas tecnologias, precisamos enfrentar a ansiedade, o medo e a insegurança dos orientandos, estudantes e professores. Diante desse cenário complexo, temos a oportunidade de aprender e atuar como agente transformador de nossa realidade".

Continuando pelo Centro-Oeste, da capital federal, a professora e pesquisadora Maria Júlia Martins Silva, nos contou sua experiência na Universidade de Brasília (UnB). Na sua opinião o atual momento tem sido principalmente de reflexão. Maria Júlia, assim como o Sérgio, percebeu que metodologias ativas tem sido essencial nesse momento, permitindo que o "estudante tenha maior autonomia e treine um pensamento crítico a respeito do conteúdo que lhe é passado". Em relação a pesquisa, Maria Júlia chegou a uma conclusão parecida com a dos nossos outros entrevistados: "fica muito difícil se fazer pesquisa sem acesso às coleções e laboratórios". Para não deixar seus orientandos perdidos e sem orientação neste momento, a professora tem realizado conversas e atividades por videoconferência. Por fim, Maria Júlia, deixou a seguinte mensagem - "De qualquer modo uma coisa é certa: nós teremos um "normal" bem diferente do que estávamos acostumados e, acredito eu, bem mais integrativo, sustentável e benéfico, não só em relação a nós mesmos como também em relação ao meio ambiente".

Chegando ao sudeste do Brasil, encontramos pesquisadores ligados diretamente a instituições que lidam com a pandemia. No Rio de Janeiro, a pesquisadora Suzete Rodrigues Gomes do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) compartilha desde março uma rotina de rodízio com seus colegas de laboratório para manutenção das atividades do laboratório. Algumas atividades passaram a ser executadas exclusivamente a distância, como a orientação de alunos e as reuniões com toda a equipe do laboratório. Contudo, outras atividades do laboratório não puderam parar durante a pandemia. O laboratório recebe constantemente amostras para análises parasitológicas de diversos locais do Brasil, e esse processamento não pôde parar. Além disso, as diversas criações de moluscos mantidas pelo laboratório precisam de manutenção constante.

O trabalho em casa também tem trazido desafios para Suzete. Além de pesquisadora em *home office*, desempenha os papéis de dona de casa e mãe de uma menina de três anos. No início foi difícil ter algumas horas seguidas de concentração, ela nos relatou - "com o tempo, passei a desenvolver trabalhos de leitura, revisão e escrita de documentos em horários alternativos. Mas, ainda é, muitas vezes, um desafio". No geral, ela tem avaliado que a experiência como pesquisadora e educadora tem sido enriquecedora, e relata que tem conseguido realizar algumas de suas atividades, como

publicação de trabalhos, submissão de projetos, oferecimento de cursos à distância, entre outras. Por fim, ela conclui com uma lição que tirou para sua vida pessoal "desacelerei e passei a valorizar mais ainda momentos em família e de integração social".

Figura 3. A – Maria Júlia Martins. B – Suzete Gomes na coleção de Moluscos do IOC. C – Eliana Nakano em seu laboratório. D – Ana Nogueira Meyer. Fotos cedidas pelos entrevistados.

Em São Paulo, a pesquisadora Eliana Nakano do Instituto Butantan (IB), nos disse que todos os funcionários envolvidos em atividades de pesquisa não-essencial foram colocados em *home office*. Eliana, que é a atual coordenadora do Laboratório de Parasitologia do IB, optou por manter idas constantes ao instituto para coordenação da equipe e manutenção dos trabalhos, enquanto o restante da equipe vai uma vez por semana ao laboratório. Apesar de não estar confinada, Eliana nos disse que sua rotina também tem sofrido alterações. Assim, ela tem realizado muitas reuniões *online*, e com as atividades de pesquisa praticamente paradas, tem se dedicado a redação de relatórios e manuscritos. Ela também nos relatou que o IB tem lidado de forma exemplar com a

pandemia, permitindo o trabalho a distância e realizando testagem constante dos funcionários; sendo a previsão para retorno em setembro. Por fim, ela destacou a atuação do IB que criou "uma plataforma de testes para atender a demanda do estado. Além disso, em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac Biotech, iniciou a fase III dos ensaios clínicos para testar a eficácia e a segurança da vacina contra o coronavírus".

Percebemos que a apesar das dificuldades encarada por todos, a mensagem, no geral, tem sido positiva. A pandemia apresentou e apresenta dificuldades, mas os malacólogos com sua incrível vontade de mudar e aprender tem encarado de frente o desafio, propondo as mais diversas soluções. Contudo, nem todas as histórias carregam balanços positivos. A professora e pesquisadora Ana Aparecida Nogueira Meyer usou a palavra "oportunismo" para caracterizar seu momento na pandemia, e fez questão de frisar que "é fundamental entender que oportunidade é a ocasião favorável para realização de algo novo, ou melhor, enquanto o oportunismo é o uso de uma realidade ou fato, nem sempre de forma ética e legítima, para a obtenção de benefícios". Não temos dúvidas que a pandemia tem trazido, ou agravado, diversos tipos de problemas como a falta de atendimento hospitalar para todos, desigualdade social, entre outros. Contudo, nas instituições particulares de ensino, segundo a Ana, o lado oportunista tem se mostrado. Até meados deste ano, ela trabalhava na Universidade Positivo (UP), localizada em Curitiba, que era considerada por ela, uma grande oportunidade. Ela definia assim a UP "um campus magnífico, na qual professores e pesquisadores tiveram a oportunidade de desenvolver suas linhas de pesquisa, formar profissionais e pesquisadores que hoje ocupam lugar de destaque no Brasil".

Ana nos afirmou que durante a pandemia, as universidades particulares poderiam ter protagonismo na educação, pois muitas já possuíam plataformas de ensino remoto, alunos com condições de acesso à internet, entre outros fatores que favorecem o ensino a distância; situação que não é encontrada em muitas instituições públicas. Apesar disto, a UP parece ter tomado um rumo dissonante a esse possível protagonismo. Um pouco antes do início da pandemia, a UP foi vendida e durante a pandemia, a nova mantenedora da instituição demitiu 130 professores, e extinguiu, entre outros, o curso presencial de Licenciatura e Bacharelado em Biologia, da qual a professora fazia parte. Este foi transformado em um curso a distância, apesar de alunos continuarem pagando a mensalidade de um curso presencial, como nos relatou Ana. Todo este movimento foi justificado com uma reestruturação devido a pandemia. Concluindo essa situação, ela nos disse que seu objetivo não foi "discutir aqui, a validade e qualidade do ensino EAD no Brasil, mas sim que essa modalidade de ensino deve ser uma escolha do aluno ingressante em um curso superior, e nunca uma imposição ou uma opção para a saúde

financeira de uma Instituição de Ensino, por apresentar menor custo. Com toda a certeza, é possível afirmar que a transformação de um curso presencial em um curso EAD, em meio a um ano letivo, não é uma oportunidade de melhoria de sua qualidade, sendo, esse tipo de procedimento mais próximo do oportunismo".

Assim, como outros colegas relataram aqui, Ana ressaltou a importância do trabalho de campo e bancada para a formação do biólogo (e do malacólogo), e que o contato pessoal e continuo com o orientador é essencial para a formação dos alunos. Entre outras conquistas malacológicas, nas dependências da UP, começou a ser gestado o grupo de Malacologia do Paraná, a qual a Ana é integrante. Segundo ela apesar dos primeiros encontros terem sido realizados na UP, o grupo é composto por pesquisadores de outras universidades, que vão continuar organizando os eventos.

A história protagonizada pela Ana Meyer talvez seja a história de muitos outros professores e pesquisadores, que ao longo do tempo se dedicaram a suas instituições, e por vontades alheias a suas próprias, tiveram esse caminho interrompido de forma abrupta.

Neste pequeno texto, esperamos mostrar as diversas realidades do nosso Brasil, abrangendo não só variedade geográfica, mas também de origens. Temos malacólogos em diferentes instituições de pesquisa e ensino, particulares ou públicas, de ensino técnico ou de ensino superior. Os problemas, e é claro, as soluções apresentadas pelos nossos colegas têm sido tão diversas quanto é nosso país e nossas pesquisas e ensino. Esperamos que com essas linhas, todos possam ver, e entender melhor, um pouco dessa diversidade. E apesar das dificuldades e problemas enfrentados, que possam ser retirados ensinamentos positivos da pandemia. Pois, certamente, em algum momento ela vai passar, e nós ainda estaremos aqui com nossa dedicação aos moluscos.

Texto editado por Igor Christo Miyahira, Eliane Pintor Arruda e Lenita de Freitas Tallarico, com os depoimentos de Sérgio Mendonça Almeida, Rafaela Maia Camargo, Inês Xavier Martins, Adriana de Freitas Diniz, Thiago Lopes Rocha, Maria Júlia Martins Silva, Suzete Rodrigues Gomes, Eliana Nakano e Ana Aparecida Nogueira Meyer.

XI CLAMA 2020

Edição virtual - 25 a 27 de novembro

A Associação Latino-Americana de Malacologia (ALM), em conjunto com a Associação Argentina de Malacologia (ASAM), a Sociedade Brasileira de Malacologia (SBMa), a Sociedade Malacológica do Chile (SMACH) e a Sociedade Malacológica do Uruguai (SMU) tem o prazer de convidá-los ao XI Congresso Latinoamericano de Malacologia (XI CLAMA).

Como todos sabem, em vista do avanço da pandemia COVID-19, das medidas restritivas e com o devido respeito por um meio ambiente saudável e seguro, o CLAMA em seu formato presencial a ser realizado em Lima, Peru, teve que ser suspenso e foi reestruturado para um formato virtual. O CLAMA virtual será realizado de 25 a 27 de novembro de 2020 por meio da plataforma Zoom e, poderá ser estendido para um quarto dia se a resposta à solicitação de envio de resumos exceder o cronograma agendado para três dias.

Fiquem atentos as datas importantes:

Inscrição com desconto até **15/09/2020**.

Recebimento de resumos de **10/08/2020** a **30/10/2020**.

Todas as informações do evento estão disponíveis no site **https://www.xiclama.info/**. Para qualquer dúvida entre em contato com o seguinte endereço de e-mail **secretaria@xiclama.info**.

Auxílio de Estímulo à Participação em Congressos Internacionais

A Diretoria da SBMa, no uso de suas atribuições legais, estabelece o Auxílio de Estímulo a Participação em Congressos Internacionais para participação no XI CLAMA. Serão concedidas seis isenções da taxa de inscrição (três para Graduação e três para Pós-graduação), de acordo com os valores estabelecidos para cada uma das categorias (www.xiclama.info).

Os candidatos serão selecionados por uma Comissão Científica composta por pesquisadores convidados que não apresentem vínculo profissional corrente ou pretérito com os inscritos. Os critérios de análise incluirão a originalidade, coerência entre metodologia e resultados, relevância do trabalho e aspectos formais como apresentação e clareza de linguagem.

Os contemplados receberão o prêmio (valor da taxa de inscrição XI CLAMA) por meio de transferência bancária que será efetuada após a apresentação online do trabalho. Além disso, a SBMa também emitirá um certificado aos premiados.

A Comissão Organizadora deste processo é composta pela Diretoria da SBMa e será presidida pelo Dr. Fabrizio Marcondes Machado.

CONDIÇÕES PARA CONCORRER

1) Ineditismo. Trabalhos com os mesmos resultados, já premiados em outros auxílios financiados pela SBMa (e.g. X CLAMA, XXVI EBRAM) não serão considerados. Trabalhos com resultados prévios são aceitos, porém trabalhos que descrevam apenas intenções, sem resultados, não serão considerados.

2) Ser estudante de Graduação ou Pós-graduação, sócio da SBMa, com anuidade (2019) quite.

3) Ser o primeiro autor e apresentador do trabalho submetido ao XI CLAMA. A autoria do primeiro autor deve estar claramente configurada em sua contribuição intelectual.

4) Apenas um trabalho por aluno será considerado.

5) Enviar para o e-mail **sbmalacologia@yahoo.com.br** em versão PDF, os seguintes arquivos:

a) resumo expandido do trabalho que será apresentado (introdução, material e métodos, resultados, discussão, conclusão, referências bibliográficas, contribuição de cada autor), em formato A4, margens de 2,5 cm, espaço 1,5, sem espaço entre parágrafos, com até 3 páginas, letra Arial, tamanho 11, podendo incluir gráficos e figuras;

b) o comprovante de quitação com a SBMa (anuidade 2019) será emitido automaticamente pela tesouraria da SBMa após o recebimento do resumo. Caso haja alguma divergência o aluno será informado via e-mail.

7) A data limite para envio será **06/09/2020**.

8) O resumo expandido de cada trabalho contemplado neste auxílio terá publicação integral no Informativo da SBMa. Caso seja do interesse do(s) autor(es), tendo em vista preservação de dados para publicação plena, o resumo publicado poderá ser substituído por outro texto explicando o trabalho, omitindo alguns resultados, mas contendo informações relevantes à Malacologia associadas ao tema do trabalho premiado.

CRONOGRAMA

Atividade	Data
Envio das propostas (resumo expandido)	até 06/09/2020
Avaliação das propostas pela Comissão Científica	até 13/09/2020
Divulgação do resultado	14/09/2020
Comprovação de apresentação do trabalho	no evento

XI CLAMA
Congreso Latinoamericano de Malacología 2020
Edición Virtual